

LITERATURA E CANÇÃO POPULAR

A décima nona edição da Revista ALERE, do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, apresenta o dossiê “Literatura e Canção Popular”, reunindo estudos sobre a relação entre música e literatura, em suas variadas manifestações e sob as mais diversas perspectivas.

Para Luiz Tatit (*O século da Canção*), “a prática musical brasileira sempre esteve associada à mobilidade melódica de palavras, frases e pequenas narrativas ou cenas cotidianas”. O contrário também é verdadeiro: a letra se realiza de modo cabal pela canção, ou, como afirma Francisco Bosco (“Por uma ontologia da canção: poema e letra): “a letra de música é heterotélica, dirige-se à totalidade estrutural a que pertence – a canção”.

Em texto seminal sobre a relação entre música popular e poesia, Affonso Romano de Sant’Anna (*Música Popular e Moderna Poesia Brasileira*) busca estabelecer comparações entre períodos específicos da poesia brasileira e algumas fases da música popular ao longo do século XX, levantando, ao mesmo tempo, inúmeras

questões que ainda precisam ser exploradas no cotejo entre a produção do compositor e a do poeta, o modo como o contexto político e social possibilita tal cotejo, entre outras. Indica, por exemplo, a possibilidade de comparação entre elementos da estética modernista e as letras de Noel Rosa, em sua tentativa de se livrar “de uma linguagem anterior romântica ou simbolista”, de maneira que o “ ‘antiliterário’, as expressões corriqueiras, o humor, as soluções imprevistas e outros efeitos estão presentes nesse poeta tanto quanto nos modernistas”. Faz o mesmo com a relação da Geração de 45 e o samba-canção, e as vanguardas de finais da década de 50 e da de 60 com a Tropicália. Desde a década de 60, pelo menos, letristas como Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil e Aldir Blanc, entre outros – sem deixar de lado os de outros países, como Bob Dylan (prêmio Nobel de Literatura em 2016), John Lennon e Lou Reed – conseguiram, por diversas formas, que abrangem um amplo leque desde a poesia narrativa ao concretismo, tornar ainda mais estreita e complexa a relação entre música e literatura.

No artigo que abre a presente edição, Monique Ivelise Pires de Carvalho promove uma revisão do Funk Nacional, como uma prática afrocentralizada, através do “Rap da Felicidade” dos MC’s Cidinho e Doca, percebendo o ritmo como uma ferramenta discursiva para questionar a realidade, e assim, transformá-la.

Em “ ‘Man in the Long Black Coat’ e ‘Everything is Broken’: Dylan e a Filosofia”, Eduardo Friedman compara trechos de duas canções de Bob Dylan, além de citações do compositor acerca de seus pensamentos à época em que gravou o álbum *Oh mercy* (1989), com ideias dos filósofos Nietzsche, Górgias, Deleuze e Platão e do linguista Austin, abrindo uma discussão relativa aos preceitos filosóficos que Dylan segue.

Iaranda Jurema Ferreira Barbosa, em “*Fanatismo*, de Raimundo Fagner e Florbela Espanca, nos interstícios da canção popular brasileira”, investiga as origens da canção “*Fanatismo*”, buscando

perceber como o compositor traduz musicalmente todo o sentimento passional do eu-lírico.

Em “Milhares de pessoas pra manter no ar: a canção de Taiguara e a televisão”, Luís Dadalti e Alexandre Graça Faria buscam compreender como Taiguara, em seu disco *Carne e Osso* (1970), coloca-se diante do impacto que a televisão gerou, em seu tempo, no imaginário popular, na divulgação e assimilação de cantores e compositores e na transmissão de valores e comportamentos no cotidiano urbano brasileiro.

Em “A relação entre homem e tempo, na música, à luz da filosofia”, Pedro Bustamante Teixeira e Ana Laura Furtado Pacheco investigam a relação do homem com o tempo, na música, mediante as leituras das canções “Resposta ao tempo” (Aldir Blanc e Cristóvão Bastos), “Oração ao Tempo” (Caetano Veloso) e “Sobre o Tempo” (John Ulhoa).

No artigo que encerra o dossiê, Maria Cecília Touriño Brandi analisa o uso da cor verde na arte, na literatura e na canção *Verdura*, de Paulo Leminski, interpretada por Caetano Veloso, entrelaçando essas representações do verde à simbologia do verde estudada pelo historiador francês Michel Pastoureau.

Esta edição também traz artigos e resenha com outras temáticas, que compõe a segunda parte.

Boa leitura.

PROF. DR. HELVIO MORAES (UNEMAT)

PROF^a DR^a CILENE MARGARETE PEREIRA (UNINCOR)

(ORGANIZADORES)